

Regina Soler

# Fofilofa



Ilustrado por Leninha Lacerda

Texto © Regina Soler  
Ilustrações © Leninha Lacerda

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Projeto gráfico, diagramação e capa  
*Leninha Lacerda*

Diretora comercial  
*Patty Pachas*

Revisão  
*Ana Maria Latgé*

Diretora de projetos especiais  
*Tatiana Fulas*

Impressão  
*Corprint*

Coordenadora editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Assistentes editoriais  
*Mayara dos Santos Freitas*  
*Roberta Stori*

Assistente de arte  
*Mislaine Barbosa*

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Soler, Regina  
Fofiofa / Regina Soler; ilustração Leninha Lacerda. – 1. ed. –  
São Paulo: Panda Books, 2016. 40 pp. il.

ISBN 978-85-7888-590-8

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Lacerda, Leninha. II. Título.

16-30622

CDD: 028.5  
CDU: 087.5

2016

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Para meu filho Bruno, que de tanto fazer perguntas sobre tudo ao seu redor, ajudou Fofilofa aparecer. Para você, que sente que não é igual a todo mundo e deseja que reconheçam isso.*

Regina

*Para os meus três porquinhos incríveis, levados, incomuns, desiguais.*

Leninha







Fofilofa era uma porquinha muito igual a todas as porquinhas. Tinha rabinho enrolado e joelho rechonchudo. Tinha papinho no queixo e orelhas cor-de-rosa. E tinha o desejo de que todos percebessem que ela era diferente. Tinha esse desejo porque se sentia assim, diferente. Então ficava triste, amuada.

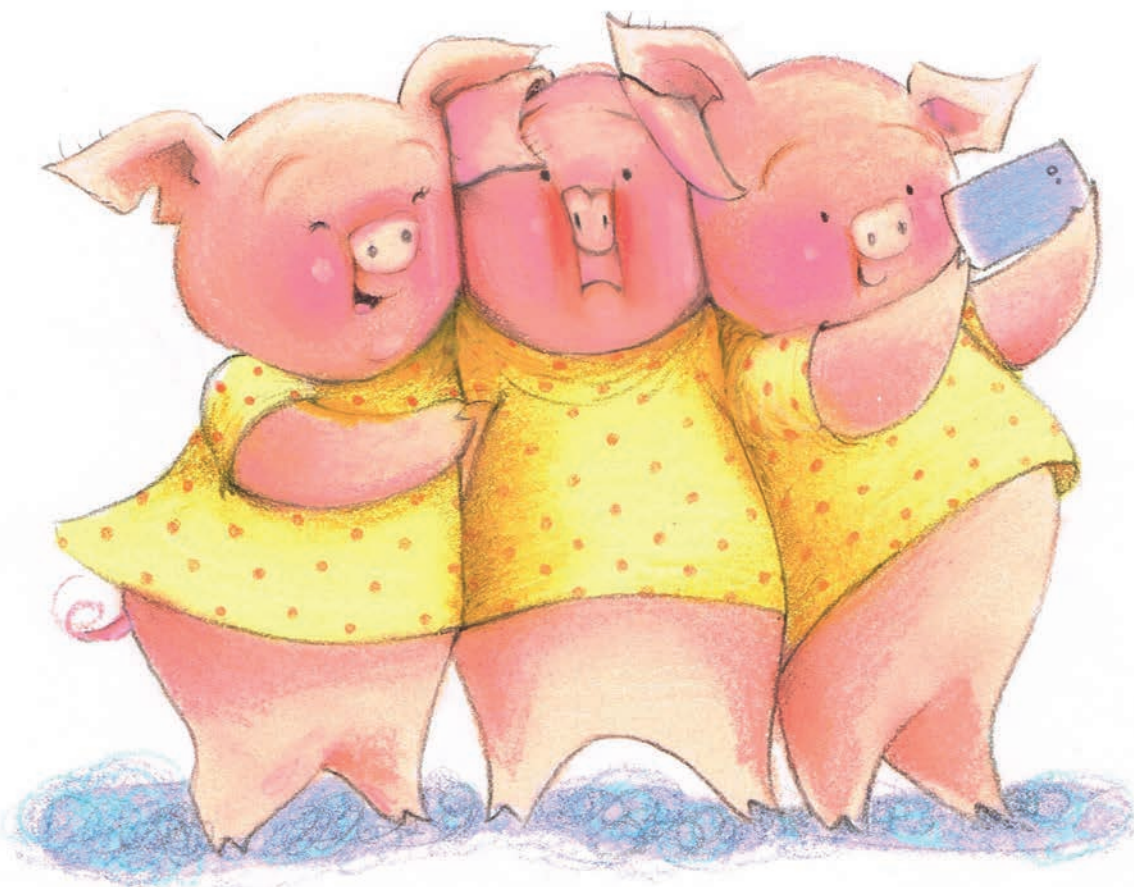
– Por que ninguém percebe que sou diferente?

As amigas, Porklinda e Lindaporky, que não entendiam o que Fofilofa sentia, faziam de tudo para consolar a porquinha:

– Fofi, veja só como sua bochecha é igualzinha à nossa! – dizia uma delas, espremendo sua bochecha contra a bochecha da Fofilofa, na frente do espelho.

– E os pelinhos no alto da orelha? Um, dois, três pelinhos, iguaizinhos aos nossos! – completava a outra, encaixando-se para que as três coubessem no espelho, como numa fotografia.

– Ah, Fofi! É tão bom ser igualzinha!



A irritação de Fofilofa era tanta que, por um instante, ela ficava um pouquinho mais corada que as outras. Aí, surpreendia-se com a diferença. Ao se surpreender, voltava ao normal. Nem dava tempo de mostrar para as amigas. Triste, apenas repetia o que acreditava:

– A gente pode ser igual por fora, mas por dentro, ninguém é – e encerrava a discussão, inconformada.

“Por que só eu percebo isso? Por quê?”, pensava em voz alta por um segundo antes de ficar calada e voltar a brincar com as amiguinhas.

A boca parava de falar, mas os olhos estavam sempre atentos. Percebiam, por exemplo, que, na saída da escola, a mãe de Fofilofa, dona Fofibela, sempre a reconhecia no meio de uma multidão de porquinhas iguais. Um dia, resolveu perguntar:

– Mã... Como é que você me acha no meio de tanta porquinha igual?

– Ah, minha Fofi querida, coração de mãe – e tascava uma beijoca na bochecha da filha, mudando de assunto.

